

# LINGUAGENS ESPECIAIS: REALIDADE LINGÜÍSTICA OPERANTE

Ana Rosa Gomes Cabello\*

---

**Resumo:** A discussão que permeia os tópicos (a) linguagens especiais: concepções; (b) linguagens especiais: origens e acepções; (c) linguagens especiais e recorte da realidade; e (d) linguagens especiais: cor social e cor associal, possibilita a este artigo destacar o uso de gíria, jargão e palavrão como realidade lingüística operante.

**Abstract:** The discussion that permeates the topics (a) special languages: conceptions; (b) special languages: origins and meanings; (c) special languages and reality cutting; and (d) special languages: social color and non-social color, enables us to stress the use of slang, jargon and swearwords as an operating linguistic reality.

**Palavras-chave:** gíria; jargão; palavrão

**Key words:** slang; jargon; swearword

---

## 1. Linguagens especiais: concepções

Para se discutir a temática *Linguagem especial: realidade lingüística operante*, é indispensável, a priori, um rápido percurso sobre a acepção de linguagens especiais. De pronto, deve-se mencionar que jargão, gíria e calão se constituem como linguagens especiais.

Essas linguagens especializadas, criadas por grupos restritos, possuem pontos convergentes e pontos divergentes, no que respeita à caracterização. Nesse sentido, pode-se considerar que, de um lado, o jargão e a gíria, no que concerne ao nascimento, estão envolvidos em um caráter criptológico, quer dizer, de sigilo, de segredo. Já o calão se presta à expressão da injúria, do desabafo.

---

\* Universidade Estadual Paulista

Assim sendo, a gíria e o jargão surgem atrelados a grupos restritos. A gíria, a grupo restrito social. O jargão, a grupo restrito profissional. Ambos funcionam – socialmente – como marca de identidade grupal, além de dar ao grupo criador força de coesão grupal. Com isso, não se pode considerar que gíria e jargão consistem em um fenômeno léxico isolado, mas, sobretudo, devem ser considerados como expressão de uma subcultura. Isso, por se considerar, tal qual Mehrotra (1977), que a sociedade se constitui por um conjunto de subculturas, também conhecidas com o nome de grupos restritos, tal qual denominação de Guiraud (1956).

O calão, ou palavrão, por sua vez, não se confina a determinados grupos, mas se manifesta como expressão de uso geral. O que ocorre, de fato, é que há um limite bastante tênue entre gíria e calão, uma vez que a gíria também é criada e utilizada com o intuito de ofender e ridicularizar pessoas e instituições, tal qual o calão.

É preciso ter claro, antes de mais nada, que jargão e vocabulário técnico não são sinônimos. Este apresenta sentido real e é utilizado pela linguagem científica, daí seu caráter extremamente objetivo e referencial. O jargão, muitas vezes, se presta a uma comunicação cifrada, afeita a um grupo restrito profissional. Claro está que, tal qual a gíria, num momento posterior, ele pode extrapolar o grupo e passar a ser conhecido por outros grupos e passar, até, a ser de uso geral.

Nessa etapa, pois, quando a linguagem especializada já está divulgada para outros grupos, aí, sim, ela torna-se passível de ser utilizada, visto que seu significado passa a ser conhecido além do grupo restrito. É preciso frisar que é justamente essa divulgação que torna a gíria e o jargão caracterizadamente efêmeros e, portanto, afeitos a uma recriação constante.

De qualquer forma, não se pode esquecer que gíria é uma linguagem metafórica que já se estendeu à fraseologia popular e que, por isso mesmo, é própria da linguagem oral e não da escrita. Mesmo assim, não se pode radicalizar, posto que a linguagem escrita de determinados textos pode apresentar, com extrema pertinência, o uso de termos de gíria, para indicar algum sentido figurado e, por vezes, mais expressivos<sup>1</sup>.

É fato, também, que o jargão denota *status* profissional, daí seu uso, por parte dos profissionais em entrevistas e em textos acadêmicos, para estampar domínio de conhecimento e identidade grupal. Além, é claro, do uso de um vocabulário técnico, indispensável para um maior grau de comunicabilidade.

Diante dessas considerações, é mister perceber que este texto, por exemplo,

---

<sup>1</sup> Sobre o uso de gíria com função literária, consulte-se Cabello (1987).

está eivado de termos técnicos e não – como comumente se equivocam – de termos de jargão. Embora tanto a gíria, quanto o jargão e o calão possam ser utilizados na comunicação escrita e na comunicação oral, dependendo da pertinência do contexto-situacional.

Diante disso, é mister afirmar que, ao se expressar, o falante assume uma identidade grupal; e que todo falante deve se expressar segundo as exigências do grupo a que pertence. É bem verdade, também, que um falante transita, sempre, em mais de um grupo. Assim sendo, ele deve ter domínio das variações de linguagem que ocorrem de um grupo para outro. Em outras palavras: o contexto-situacional é que elege a linguagem adequada, da mesma forma que a situação define o vestuário. Isso significa dizer que o falante não utiliza a mesma roupa para ocasiões diversas.

## 2. Linguagens especiais: origens e acepções

Para tratar, de modo mais aprofundado, de concepções de linguagens especiais, é imprescindível registrar que receberam diferentes denominações, através dos tempos. Destarte, o estudo das chamadas linguagens especiais coloca, logo de início, o problema da indefinição dos limites que mantém, entre si, a gíria, o jargão, o calão/palavrão/linguagem obscena, e, por fim, a linguagem erótica.

Às indefinições dos limites lingüísticos das linguagens especiais soma-se a indefinição terminológica, uma vez que, historicamente, a nomenclatura desses fatos lingüísticos tem apresentado ambigüidade. Assim sendo, ao tratar de concepções das linguagens especiais, é imprescindível registrar que receberam diferentes denominações, através dos tempos.

Em textos do século XVI aparecem os termos “gira”, “gíria” e “geringonça”, além do termo espanhol *germânia*<sup>2</sup>, que em português quer dizer ‘gíria antiga’. No século XVIII, apontam<sup>3</sup> a gíria como um tipo de linguagem especial, dentro de certa classe. Já os lexicógrafos têm entendimentos diferentes à propósito da origem do termo gíria. Adolfo Coelho, por exemplo, liga-o a *geringonça*, vindo do espanhol *jeringonza*<sup>4</sup>, que possui acepção pejorativa por significar ‘linguagem complicada,

<sup>2</sup> *Germanía* é o termo que a Academia Espanhola tira da forma latina *germanus* (irmão), considerando que a gíria é usada por uma irmandade, uma confraria ou grupo que a usa como defesa, afirmação ou provocação.

<sup>3</sup> Cf. *Regras da Língua Portuguesa*, de D. Jerônimo Argote, citado por Castro (1947, p.16).

<sup>4</sup> A Academia Espanhola tira *jeringonza* de *jerga* e faz proceder de uma raiz onomatopaica *garg-*, como o latim *garrere* (parlar, chilrear), de onde a forma portuguesa *gárrulo*, hipoteticamente.

inintendível'. Em francês, *argot* e *jargon*<sup>5</sup> (que deu jargão em português), também são de origem obscura. Em inglês, o termo *slang* não tem étimo conhecido<sup>6</sup>.

O calão, por sua vez, sem correspondente nas línguas românicas, seria uma forma derivada do termo espanhol *caló*, que significa 'linguagem de *gitanos*' (ciganos ou malandros).

Na verdade, tanto dicionários<sup>7</sup>, quanto trabalhos<sup>8</sup> que versam sobre o assunto, utilizam "gíria" e "calão" como sinônimos. São definidos como linguagem dos malfeitores, ladrões, assassinos etc. É certo que, originariamente, *argot*, na França, e *germanía*, na Espanha, significavam 'confraria de ladrões', passando a designar a linguagem utilizada por eles. Daí, o estigma social, e não lingüístico<sup>9</sup>.

A existência, na Europa, de linguagens especiais, próprias das classes malfeitoras organizadas, é antiqüíssima. Alguns traços de linguagem secreta aparecem em textos do século XIII, mas foi a partir da segunda metade do século XV que se tornaram numerosos os textos em que apareciam termos usados pelos indivíduos daquelas classes. Mendigos, ladrões, assassinos houve antes do século XV, como em todos os tempos e em todas as sociedades, mas não existiam ainda como bandos organizados, que tivessem necessidade de usar linguagens particulares, desconhecidas da gente comum.

Linguagens secretas, segundo Graven 1962, houve em todos os tempos e países, podendo ser lembradas a linguagem sagrada dos sacerdotes egípcios da Antigüidade, desconhecido dos profanos; a da baixa plebe romana (dos rufiões, das proxenetas, dos libertos e escravos) que formou boa parte do baixo latim. No século XV, contudo, as classes malfeitoras formaram-se como grupos organizados, vivendo fora da sociedade e continuamente em guerra com ela. Eram bandos formados por camponeses que, tendo se reduzido à miséria, tornaram-se salteadores, soldados desertores ou saqueadores, criminosos foragidos, preguiçosos, charlatões, saltimban-

<sup>5</sup> Provavelmente, o termo *jergo* está ligado ao italiano *gergo*, que Zingarelli dá como termo onomatopéico.

<sup>6</sup> Eric Partridge liga *slang* a *sling* = 'atirar', 'arremessar', do qual seria um particípio, argumentando que *sling of at* também é 'abusar', 'escarnecer', e que em norueguês antigo *slengja kjeften* significa 'usar gíria' (literalmente: 'atirar o queixo').

<sup>7</sup> Cf. Dicionários de Cândido de Figueiredo, Jayme de Séguier e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, dentre outros.

<sup>8</sup> Castro (1947: p.16) menciona que o mesmo equívoco aparece no conceituado trabalho *Os Ciganos de Portugal*, de Adolfo Coelho. Para a mesma autora foi Paiva Boléo o primeiro a apontar a distinção entre gíria (*Berufssprache*, *argot dos metiers*), calão (*argot populaire*) e linguagem popular, em sua crítica ao *Calão Lisboeta*, do alemão Wagner.

<sup>9</sup> A esse respeito, consulte-se Cabello (1990, p.16-18).

cos, toda uma corja, enfim, que sentiu a necessidade de se organizar, de ter chefes e regulamentos e uma linguagem com que se pudesse fazer entender sem ser entendida por indivíduos de outras classes.

A maior parte dos países, segundo Guiraud (1956, p.12), tiveram um *argot* criminal, cuja existência se comprova a partir do século XV. A Itália teve o *furbesco*, a Espanha a *germanía*, Portugal teve o *calão*, a Alemanha teve o *rotwelsch*, a Inglaterra teve o *cant*, os Estados Unidos teve o *slang*, a Argentina teve o *lunfardo*, o Brasil teve a gíria *strictu sensu*<sup>10</sup> e a França teve o *argot*.

Torna-se pertinente um resgate histórico à acepção e à evolução do *argot* francês, em virtude da caracterização convergente com a gíria brasileira. São ambas linguagens saídas do povo, de grupos restritos, manifestações do gênio popular, instrumentos práticos de expressão de grupos específicos marginais e não marginais.

O dicionário Larousse, citado por Graven (1962, p.9), define o *argot* como linguagem particular própria dos malfeitores e de todos os indivíduos que têm interesse por comunicar seus pensamentos sem serem compreendidos por aqueles que os rodeiam.

Segundo o dicionário de Littré, citado por aquele mesmo autor, o *argot* é linguagem particular dos vagabundos, mendigos, ladrões, inteligível somente para eles.

A origem do *argot* é obscura, mas tal linguagem, no sentido primitivo de jargão (*gergo*, em italiano), que se tornou o *jacque* e hoje o *jars*, remonta há muito tempo atrás. Graven, ao mencionar algumas etimologias, transcreve palavras de Vergy e de Chautard.

Vergy (comentador do Dicionário Etimológico de Ménage, 1750) afirma que a palavra *argot* vem do grego *argos*, significando um ‘boa-vida’, aquele que ‘leva vida ociosa, sem trabalho nem profissão’.

Chautard, em *Vida estranha do argot*, lembra, conforme um documento de 1630, que o *argot* remontaria ao tempo de Tróia, tendo sido aumentado no tempo de Átila e dos godos. Daí, o jargão ter sido chamado de “arte dos godos” (*art des goths*), que se simplificou em *argot*.

O *argot* francês data, efetivamente, ou do século XIV ou do século XV,

<sup>10</sup> Para Guiraud (1956: p. 19), o *argot* (fr.) subdivide-se em *argot* antigo, verdadeiro léxico secreto; e *argot* moderno, simples código, com fins criptológicos.

quando as associações de mendigos, vagabundos e indivíduos de má vida, ladrões e malandros povoavam Paris e se refugiavam nas ruelas sombrias e estreitas batizadas de Pátio dos Milagres. Alguns autores entendem que não havia *argot* antes de 1427, quando apareceram os ciganos (*bóhémiens*) em Paris, trazendo os primeiros elementos dessa linguagem.

É certo que, em sua origem, o *argot* – termo datado do século XVII – designava não uma língua / linguagem, mas a coletividade de malfeitores, indigentes e mendigos, passando, em seguida, a designar a linguagem de seus usuários. Portanto, no princípio, dizia-se “o jargão do *argot*”; posteriormente, passou-se a dizer simplesmente *argot*.

A noção dessa linguagem especial, através dos tempos, evoluiu. Como herdeiro do antigo jargão, o termo passou a designar a linguagem dos malfeitores, compreendida só pelos integrantes do grupo. Entretanto, há notícia da existência do jargão desde o século XIII, embora somente a partir do século XV existam documentos secretos.

Paralelamente ao *argot*, figuravam o *jobelin*, o *blesquin* e o *narquois*, como linguagens secretas dos criminosos. Isto foi testemunhado até Vidocq, segundo Guiraud (1965, p.5).

No final do século XIX, o *argot* continuava sendo a linguagem, dos malfeitores, ininteligível aos não integrantes dos grupos restritos e, ao mesmo tempo, estendia-se a uma fraseologia particular, mais ou menos técnica, rica e pitoresca, própria de determinada profissão e, conseqüentemente, só entendida pelos componentes do mesmo ofício. Daí, a definição de Marouzeau (1933), não distanciada da acepção original do termo: língua especial, munida de um vocabulário parasita que os membros de um grupo ou de uma categoria social empregam, com a preocupação de se distinguir da massa dos sujeitos falantes. Com isso, a evolução processou-se de uma língua secreta dos malfeitores para uma fraseologia particular e, posteriormente, para um signo de classe, segundo Guiraud (1956, p.6).

Em *Le génie de l'argot*, Niceforo (1912, p.10) define *argot* como linguagem especial que permanece secreta ou que se modifica todas as vezes que a necessidade assim o exigir, uma vez que seu objetivo primeiro consiste na defesa do grupo que a usa. A intenção de permanecer secreta, a fim de proteger tal grupo, ou a intenção de nascer premeditada, forma a sua marca de identidade. Com isso, a defesa do grupo é razão de ser do *argot*, enquanto a premeditação consiste na marca de identidade.

Gumperz, citado por Mehrotra (1977, p.3), define *argot* como, qualquer variedade lingüística distinta daquela usada ao redor do lar e do grupo homólogo local que serve como a norma em uma ou mais situação de comunicação socialmente passível de definição.

Uma vez privada do seu significado restrito, qualquer linguagem diferente do vernáculo seria *argot*. Essas variedades lingüísticas que Gumperz define como *argot* têm sido mais adequadamente incluídas no termo global de Jakobson: linguagem marginal.

Mehrotra (1977, p.3), entendendo ser equivoco o ponto de vista de Gumperz, define *argot* como uma linguagem especializada utilizada por grupos profissionais organizados, atuando fora da lei; grupos que comumente constituem subculturas do crime com linguagem usualmente secreta ou semi-secreta. Provém de Maurer (1981, p. IX) a definição adotada por Mehrotra.

Assim ligado à subcultura do crime, o *argot* estaria marcado pelo sigilo. Com certa variação, o sigilo também estaria presente no *argot* que se remete a algum tipo de atividade ilegal ou semi-ilegal, com freqüência de natureza parasitária.

Goffmann, citado por Mehrotra, ao discutir a questão do controle informacional, menciona três tipos de segredos: obscuros, estratégicos e internos. O *argot* se aproximaria do segredo interno, por dar conteúdo objetivo a uma distância social sentida de maneira subjetiva.

Do ponto de vista do sigilo, o *argot* pode se prestar a um disfarce lingüístico, sob três categorias distintas: (a) a enunciação total é perceptivelmente escondida do público e da vítima; (b) a enunciação é dissimulada com palavras retiradas da linguagem comum, apresentando duplo significado; e (c) a enunciação é alternada com palavras retiradas da linguagem comum e palavras ininteligíveis aos integrantes de outras subculturas.

Além do sigilo, os usos do *argot* têm ainda outras funções: dão expressão aos interesses e valores, associações e discriminações que são crucialmente importantes para o integrante do grupo restrito; quer dizer, o *argot* serve de veículo do conteúdo da subcultura, ordenando e classificando experiências peculiares e provendo seus usuários, em termos de pistas para a identificação do grupo e em termos de guia de comportamento em determinadas situações.

Expressões pejorativas e eufemísticas contrastam-se no *argot*, ao estampar ou minimizar as associações negativas de um pensamento indecente ou do uma ativi-

dade ilegal. A desaprovação de alguns termos por parte do marginal, contraste com o envaidecimento dele, frente a um termo que tenha sofrido a técnica da neutralização (explicitada por Sykes e Matza e citada por Mehrotra, 1977, p.9).

Em virtude da evolução do *argot*, algumas questões se colocam: (a) o *argot* é ainda uma língua secreta ou simplesmente uma linguagem especial, restrita, parasitária?; (b) admitindo que seja secreta e parasitária, permanece o *argot* uma língua artificial, uma criação arbitrária, com fins criptológicos?; e (c) admitindo que o *argot* antigo (até Vidocq) seja efetivamente uma língua secreta, então, posteriormente, ele se vulgarizou, perdendo seu caráter criptológico?

Para Sainéan, citado por Guiraud (1956, p.14), o *argot* antigo é uma língua secreta, parasita e artificial, que se estendeu até a época moderna. A maior parte de seus sucessores retoma sua tese, negando, entretanto, o caráter artificial do *argot* antigo.

Até o século XIX, o mundo do crime constituiu uma sociedade fechada. Grandes quadrilhas fortemente organizadas, que se reuniam no famoso Pátio dos Milagres, verdadeiro labirinto de becos, de vielas sem saída, onde a polícia não ousava penetrar, utilizavam uma linguagem secreta que, segundo Guiraud (1956, p.15), era confundida pelos lexicógrafos da época com um falar técnico necessariamente obscuro.

O isolamento social começa a se romper a partir do século XIX, quando se dá início o desaparecimento das grandes quadrilhas, a demolição dos velhos bairros, a dissolução das prisões de forçados, o desenvolvimento das comunicações, a destruição das divisões sociais etc. Simultaneamente, dá-se a vulgarização dessa linguagem especial utilizada, perdendo o caráter criptológico, deixando de ser linguagem secundária, transpondo-se para a linguagem do cotidiano.

É por isso que alguns lingüistas insistem em que não há mais *argot*. Lazare Sainéan é um dos que comungam esta afirmativa, ao lado de Albert Dauzat e Gadon Esnault, entre outros lingüistas modernos.

Posição contrária é a de Pierre Guiraud (1956, p.17), ao afirmar não aderir inteiramente a esse ponto de vista, por entender que estabelecer uma verdade fundamental seria mascarar o que é sem dúvida a essência do problema. É provável que tenha havido a linguagem secreta dos malfeitores, de um lado, e, de outro, a linguagem do povo, sendo que as duas se juntaram com a fusão social dos dois grupos. É certo que havia uma linguagem do povo, utilizada também pelos malfeitores. Estes, entretanto, possuíam, além daquela, uma segunda forma de linguagem, parasitária e

secreta: o *argot*.

Com isso, Guiraud (1956, p.18) conclui que houve a vulgarização do vocabulário secreto dos malfeitores, quer dizer, ele não desapareceu, mas, pelo contrário, extrapolou o uso restrito e estendeu-se para os usuários comuns. O âmago da questão está na natureza exata das linguagens secretas. Elas podem configurar-se em dois tipos: (a) substituição do vocabulário; e (b) deformação do vocabulário.

O primeiro procedimento resulta na constituição de um léxico secreto; o segundo, que não é senão um código, tem poder virtual, não introduzindo termos novos na língua. Daí, afirmar Guiraud (1956, p.19) que, basicamente, o *argot* antigo é um léxico secreto, ao passo que o *argot* secreto moderno não passa do um código. Entretanto, um código com fins criptológicos também, no qual os usuários mascaram palavras já existentes, segundo processos de codificação do tipo sufixação parasitária, truncamento, introdução de elementos chaves no seio das palavras, dentre outros detalhados pelo Autor de *L'argot*, em seu primeiro capítulo.

É óbvio que não só os léxicos se vulgarizam, mas também os códigos; daí a renovação intermitente dos procedimentos de codificação. É pertinente citar que o mecanismo das substituições semânticas é o mais expressivo dentre os procedimentos de renovação do *argot*. Os procedimentos de codificação do *argot*, entretanto, não fogem dos propostos pela linguagem comum; a inovação está no fato de se deformar o vocabulário existente<sup>11</sup>.

Com isso, Guiraud (1956, p.29) considera ser o *argot* uma linguagem secreta, parasita e artificial. Entenda-se: o *argot* enquanto linguagem secreta não é artificial nos seus modos de criação léxica, mas é artificial no seu emprego.

Um dos traços marcantes da linguagem argótica é a rapidez com que as expressões envelhecem e são substituídas por outras. Algumas só se difundem em determinado local, em compensação, outras, além de se difundirem rapidamente, conseguem se introduzir na linguagem corrente e nela permanecem, enriquecendo o léxico comum. Geralmente, sofrem maior difusão as expressões que se assemelham a estrutura total da língua, por requererem menos esforço de memória, no momento da utilização. A analogia com formas já existentes concorre também para que haja rápida difusão em locais diversos.

Para Schwob, citado por Graven (1962, p.16), o *argot* se afasta mais e mais

<sup>11</sup> Sobre "Processos de formação da gíria brasileira", consulte-se Cabello (1991, p.19-53).

da concepção de um jargão ou *argot* antigo, próprio dos malfeitores, em direção, atualmente, de uma linguagem de zombaria metafórica<sup>12</sup>.

### 3. Linguagens especiais e recorte da realidade

As palavras não são nem boas nem ruins, são apenas uma parte do desenvolvimento natural da linguagem, o qual está aliado, dentre outros motivos, à expressividade, à descarga afetiva, à injúria, ao sigilo, à rapidez exigida, por vezes, pela dinâmica comunicacional, constituindo um todo que depende do contexto-situacional em que se encontre o falante.

Por meio da linguagem, o falante demonstra como recorta a realidade, revelando um *modus vivendi et operandi* específico, próprio daqueles que empregam linguagens especiais, da mesma natureza, no mesmo grupo.

Linguagens especiais, do tipo gíria, jargão e calão, configuram-se como realidades lingüísticas operantes. Muitas vezes, entretanto, o uso deste ou daquela é estigmatizado. Nesse sentido, é preciso deslindar o estigma lingüístico do social.

Além do que, torna-se imprescindível discutir em que medida a gíria, o jargão e o calão podem configurar-se, dentre outras questões, como forma comunicacional de expressividade e/ou de sigilo e/ou de desabafo e/ou de agressão social.

Nesse sentido, torna-se pertinente recorrer às origens e à caracterização das linguagens especiais.

As linguagens especiais, circunscritas exclusivamente ao campo lexical<sup>13</sup>, estão ligadas a determinados tipos de variações sócio-culturais de linguagem e são empregadas para caracterizar a expressão de modos peculiares de pensar e de agir ou para nomear atividades específicas, servindo para uma comunicação mais eficiente e/ou expressiva, que, conforme as circunstâncias sociais, pode tornar-se menos ou

<sup>12</sup> Essa concepção moderna de *argot* aproxima-se do primeiro estágio da gíria. Cabello (1989), ao defender a noção de gíria, enquanto signo de grupo restrito, trilhou os caminhos traçados por Pierre Guiraud (1956), ao defender a noção de *argot* como signo de classe; e delineou – mediante pesquisa – os estágios peculiares pelos quais perpassa a gíria, até configurar-se como a “vulgarização de um signo de grupo”.

<sup>13</sup> Linguagens especiais não se constituem uma língua, conquanto as pessoas digam, por exemplo, “eu não falo gíria” (como se fosse uma língua), em vez de eu não uso gíria. Trata-se, apenas, de alterações desejadas e intencionais no âmbito lexical, dado que a morfologia e a sintaxe são as mesmas da língua geral.

mais criptológica.

O uso de linguagens especiais correlaciona-se a grupos sociais restritos, como, por exemplo, toxicômanos, criminosos, detentos, universitários<sup>14</sup>, mas também pode associar-se à sociedade em geral, servindo, conforme as circunstâncias, para nomear as atividades técnico-científicas (vocabulário técnico), para a expressão dos sentimentos populares e da injúria (calão ou palavrão e, por vezes, gíria), e para a caracterização das linguagens profissionais (jargão).

O estudo das linguagens especiais deve atentar para o que é de uso individual (e como tal permanece) do que é de uso coletivo, uma vez que, no primeiro caso, o material é de domínio estilístico e, no segundo, de domínio lingüístico, por fazer parte essencial da comunicação do grupo social. Daí, a Sociolingüística interessar-se pelo estudo das diversas linguagens especiais.

A gíria surge para satisfazer necessidades advindas da formação de grupos restritos, compostos de falantes que tenham interesses comuns. Dessa forma, só é compreendida pelos iniciados no grupo e serve como instrumento de identidade e de defesa social do grupo que a utiliza. Essa concepção de gíria está acoplada às origens que propiciaram o surgimento estigmatizado deste tipo de linguagem especial. O palavrão, por sua vez, serve como instrumento de expressividade e de catarse<sup>15</sup>.

Por ser linguagem de um grupo restrito, a gíria caracteriza-se por se manter intencionalmente secreta, sendo ininteligível aos profanos e funcionando como arma de defesa contra os demais elementos da sociedade<sup>16</sup>. Assim sendo, a gíria apresenta constantes renovações lexicais, a fim de resguardar seu caráter criptológico<sup>17</sup>; com isso, quando um termo extrapola o âmbito grupal, em virtude da alta freqüência e/ou da expressividade, pode ser abandonado pelo grupo, uma vez que já não mais se presta como arma de defesa social do grupo<sup>18</sup>, significando que se vulgarizou para a linguagem geral<sup>19</sup>.

Essa característica de renovação constante dá à gíria o estatuto do neologis-

<sup>14</sup> A esse respeito, consulte-se Rector (1975).

<sup>15</sup> O tema expressividade e/ou agressão, correlacionado à gíria e ao palavrão, pode ser consultado em Cabello (1996, p.194-199).

<sup>16</sup> A esse respeito, consulte-se Cabello (1990, p.55-64).

<sup>17</sup> O conceito de jargão pode ser o de gíria, em seu sentido restrito, isto é, de linguagem marginal, fechada, instrumento de defesa e identificação de um grupo profissional, incompreensível aos não iniciados no grupo. Neste aspecto apresenta, como a gíria, caráter fechado. Reflete um certo pedantismo por ostentar determinada posição social.

<sup>18</sup> Sobre a correlação gíria e *argot*, consulte-se Cabello (1992, p.120-125).

<sup>19</sup> A questão da vulgarização da gíria é tratada por Cabello (1989).

mo<sup>20</sup>, por fornecer à língua comum grande contingente de vocábulos novos, que são, na maioria das vezes, altamente expressivos. Assim, a gíria pode ser considerada fonte de produção de palavras novas, criada como verdadeiros neologismos ou como atribuição significativa nova a uma palavra já existente<sup>21</sup>.

Essa produção de palavras novas, por parte de um grupo restrito, para Riverain (1963, p.253), deve-se às seguintes razões: (1) **necessidade** de uma linguagem especial, para ocultar algo; daí a existência de um processo de recriação constante, para garantir o sigilo e, de simples coletânea de termos, torna-se verdadeira linguagem especial, enriquecida, incessantemente da mais rica originalidade criativa; (2) **expressividade**, para suprir determinadas lacunas existentes na língua geral ou que só se pode exprimir “convenientemente” por meio de muitas palavras; e (3) **invenção**, diretamente correlacionada à agressão, uma vez que a gíria se opõe aos valores que a cultura dominante propõe. Tanto que se reconhece a verdadeira gíria, ainda estigmatizada, por sua cor absolutamente associal. Nesse sentido, ela aproxima-se do palavrão.

O palavrão, por sua vez, não possui caráter criptológico, nem serve de instrumento de defesa de grupo. É compreendido além do grupo. Configura-se como uma linguagem marginal, parasita da língua geral, que objetiva destacar o pensamento de uma determinada classe. Ele é constituído intencionalmente, apresentando nas suas variações semânticas a ironia, o menosprezo, a revolta contra a sociedade, com o intuito de nivelar a todos.

Na gíria também figuram termos chulos ou vulgares, arrolados nos domínios lexicais tabus, por serem considerados obscenos, chocantes, traumáticos etc. São, na cultura ocidental, os associados à descrição anatômica, às funções de excreção e ao sexo.

Esse tipo de interdição vocabular é considerado linguagem especial, por estar contraposto à linguagem geral, à medida que serve à descarga afetiva e à injúria.

A gíria, signo de grupo restrito, além de marcada pelo estigma de origem, conduz a uma leitura do mundo específico do falante. Muitas vezes, ela chega a estampar a miséria, a insegurança, a humilhação, a revolta contida, a insatisfação, o medo, a opressão, a rebeldia, o desprezo, a mágoa pelas injustiças sociais, enfim, um conflito de contrariedades, verdadeiro mecanismo social de defesa e também de agres-

---

<sup>20</sup> Essa temática é tratada por Cabello (1991, p.332).

<sup>21</sup> A esse respeito, consulte-se Cabello (1991, p.19-53).

são. Assim, pode concorrer para cristalizar a identidade social do falante, o que significa desvendar uma ideologia de fruto grupal, não meramente individual. Com isso, assumir um signo estigmatizado poderia ser para muitos falantes reverter-lhes o *status*.

Em outras palavras, a vulgarização da gíria está condicionada, em certa medida, ao prestígio do grupo onde ela nasceu. Se o grupo não possuir *status* social elevado, o uso da gíria poderá ser estigmatizado, denunciando estratificação social e lingüística. O falante, então, evitará seu uso em situações que possam compromê-lo a adquirir uma identidade social que não é a dele.

Dependendo da situação, um termo pode não sofrer interdição vocabular e, por isso, por esse limite tênue, ser difícil sua classificação neste ou naquele nível lingüístico. Tanto que muitos termos, por exemplo, da linguagem familiar e da linguagem dos universitários advém da gíria marginal, mas são usados por terem perdido o estigma do grupo de origem. Além do que a intencionalidade do falante pode modificar o valor do termo, passando, até do vulgar para o afetivo – é a atualização do valor de um termo decorrente de fatores extralingüísticos.

É certo que a linguagem popular sempre esteve marcada pelo erotismo, tanto para expressar sentimentos afetivos, quanto agressivos, de forma que transformações sociais e morais se processam, apontando para a ligação existente entre a atitude do falante, em relação à linguagem obscena e a ideologia moral da época. Exemplo claro é a diversidade dos contextos-situacionais que perpassam pelo ambiente universitário, onde termos, outrora, sujeitos à interdição vocabular, fazem, hoje, parte do vocabulário ativo dos universitários, de modo geral. Pode-se, até, mencionar a espontaneidade de universitários que utilizam termos de gíria e de palavrão em enunciados como: (1) “Nas férias, quero fazer uma puta viagem”, onde “puta” tem sentido intensificador; (2) “Oh merda, não encontrei a sala!”, onde “merda” configura-se como forma de desabafo; e (3) “O baterista é o maior fodão”, onde “fodão” carrega um sentido positivo, verdadeiro elogio.

A interdição vocabular só se patenteia externamente, ou seja, à medida que o uso da linguagem especial, ainda estigmatizado, extrapola o grupo a que pertence o falante. Mesmo porque, internamente, os componentes do grupo são ciosos, orgulhosos e ciumentos do uso de linguagens especiais.

Os motivos que levam ao uso da gíria e do palavrão podem ser, dentre outros, os seguintes:

- (1) forma de defesa ou agressão;

- (2) fortalecimento de identificação do falante;
- (3) procura de auto-afirmação;
- (4) intenção de uma linguagem despretensiosa;
- (5) desejo de originalidade, de evidência e de jovialidade;
- (6) busca de maior expressividade;
- (7) intensificação de sentido;
- (8) resistência ao tabu;
- (9) intenções irônica, humorística e depreciativa; e
- (10) tendência para a comunicação concreta, breve, enfática.

#### 4. Linguagens especiais: cor social e cor associal

Para se deslindar as linguagens, consoante os estudos efetuados, pode-se afirmar que: (a) a gíria configura-se como um signo de grupo restrito social; (b) o jargão configura-se como signo de grupo restrito profissional; (c) o calão (ou palavrão ou linguagem obscena) configura-se como um signo de grupo geral; e (d) a linguagem erótica pode perpassar todos os tipos de linguagem. Vale lembrar que, no Brasil, calão apresenta sentido especializado, depreciativo e identifica-se com o denominado palavrão; já em Portugal, calão é sinônimo de gíria.

A gíria afasta-se, mais e mais, de uma linguagem estigmatizada, advinda das origens do *argot*, e aproxima-se de uma linguagem de zombaria metafórica. O calão, por sua vez, embora sofra certas interdições, tanto no seu aspecto de agressão quanto no de expressividade, é bem mais utilizado hoje do que nas décadas anteriores.

Enfim, gíria e calão podem se configurar, na terminologia de Riverain (1963, p.253), ora como forma de expressividade (cor social) ora como forma de agressão (cor associal), dependendo do contexto-situacional e da intencionalidade do falante. De qualquer forma, trata-se de uma linguagem de reações, não de razões. Dito de outra forma, gíria e palavrão podem ser usados, dentre outras intenções, como:

- (1) uma forma para depreciar (as *personas* e/ou instituições *não gratas*) ou para glorificar (“tudo que merece ser louvado”);
- (2) uma atitude lingüística de desrespeito intencional à norma estabelecida,

sem fugir ao sistema;

(3) um desafio ao sistema, ao chocar ou surpreender, e também ao confundir e, por meio de uma degradação semântica, ridicularizar os ingênuos e os superiores;

(4) uma tonalidade emotiva (de onde a gíria, como o palavrão, funciona como válvula de escape);

(5) uma tonalidade agressiva, realçando qualidades negativas e defeitos de tudo e todos que signifiquem opressão;

(6) uma originalidade no jogo lingüístico, perpassando de humor leve ao negro, às vezes levado ao exagero, dependendo do contexto-situacional e/ou do referente; e

(7) uma expressão de maturidade, força e masculinidade, reforçada pelo uso de termos machistas<sup>22</sup>.

#### Referências

CABELLO, A.R.G. *A gíria como linguagem literária em contos de João Antônio*. Caderno de Divulgação Cultural, n. 25, 127 p. Bauru-SP: Universidade do Sagrado Coração, 1987.

CABELLO, A.R.G. Linguagem: aspectos lingüísticos e campo sócio-cultural. *UNILETRAS*, Ponta Grossa, PR, n.12, p. 55-64, 1990.

CABELLO, A.R.G. Gíria: desmistificação ou nivelamento? *Anais do II Seminário do CELLIP*, Ponta Grossa, PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 1990, 164 p, p.16-18.

CABELLO, A.R.G. Processos de formação da gíria brasileira. *ALFA*, São Paulo, SP, v. 35, p.19-53, 1991.

CABELLO, A.R.G. Gíria e neologismo: convergências e divergências. *Anais do XXXVIII do Seminário do GEL*, Franca, SP: UNIFRAN, 1991, 859 p., p.332.

<sup>22</sup> Muitos termos e expressões traduzem pontos de vista machistas. Isto pode ser comprovado com a quantidade de termos relativos aos órgãos genitais masculinos. Inclusive, enquanto os testículos funcionam como sinônimo de valor, coragem, vontade etc., o clitóris não apresenta variedade lexical significativa. Além da zona erógena da mulher ser relegada a poucas palavras com variantes, os termos e expressões, bastante numerosos, indicadores da noção de copular, surgem como sinônimo de 'molestar', 'prejudicar', 'lesar' etc., revelando uma mentalidade que vê a relação sexual mais como agressão que manifestação afetiva. (Cf. Cabello (1989, p.4).

- CABELLO, A.R.G. Um correlato da gíria: o argot. *UNILETRAS*, Ponta Grossa, PR, n. 14, p.120-125, 1992.
- CABELLO, A.R.G. Gíria e palavrão: agressão ou expressividade? *Anais do X Seminário do CELLIP*, Londrina, PR: Universidade Estadual de Londrina, out. 1996, vol.1: p.194-199.
- CABELLO, A.R.G. Gíria: Vulgarização de um signo de grupo? *Tese de Doutorado*. Exemplar xerocopiado. Faculdade de Ciência Letras do Campus de Assis da Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, 1989.
- CASTRO, Amílcar Ferreira de Castro. *A gíria dos estudantes de Coimbra*. Coimbra: Suplemento de Biblos, 1947.
- CHAUTARD, Émile. *La vie étrange de l'argot*. Paris: Les Éditions Denoel et Steele, 1931.
- CUNHA, Celso. "Em torno dos conceitos de gíria e calão". In: *MISCELÂNEA de estudos em honra de Antenor Nascentes*. Rio de Janeiro, 1941, p. 65-97.
- DAUZAT, Albert. *Les Argots*. Paris: Delagrave, 1956.
- GRAVEN, Jean. *L'Argot et le tatuage des criminels. (Étude de criminologie sociale)*. Neuchâtel: Editions de la Baconnière, 1962.
- GUIRAUD, Pierre. *L'argot*. Paris: Universitaires de France, 1956.
- MAROUZEAU, Jules. *Lexique de la terminologie linguistique*. Paris: Paul Gauthier, 1933.
- MAURER, David W. *Language of the Underworld*. Kentucky: The University Press of Kentucky, 1981.
- MEHRO'TRA, R. R. *Sociology of secret languages*. Simla: Indian Institute of Advanced Study, 1977.
- NICEFORO, Alfredo. *Le génie de l'argot*. Paris: Mercure de France, 1912.
- PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: T. A. Queiros/EDUSP, 1984.
- RECTOR, Mônica. *A linguagem da juventude*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- RIVERAIN, Jean - *Chroniques de l'argot*. Paris: Guy Vactor, 1963.